

Ações e dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação da educação sexual

Action and difficulties related for teachers of primary school on introducing sex education

Vanize Meneghetti¹

vanizemeneghetti@gmail.com

Laysa Cristina Dreyer²

layh.dreyer@hotmail.com

Reywerson Lopes Ozório Cavalheiro³

reywerson@gmail.com

Cynthia Borges de Moura⁴

cynthia-moura@hotmail.com

Resumo

O presente estudo buscou identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores do 5º ano com maior/menor tempo de experiência e com/sem formação em educação sexual, ao longo de sua prática pedagógica nessa temática, através da aplicação de um questionário semiestruturado, a 82 professores de escolas municipais de Foz do Iguaçu. Os resultados demonstraram que as dificuldades relatadas pelos professores na abordagem dessa temática são semelhantes entre os grupos, que apontaram como maior desafio as famílias ausentes ou muito permissivas quanto à sexualidade, e como assuntos mais difíceis de serem abordados, a homossexualidade, a masturbação e a violência sexual.

Palavras-chaves: Adolescência, Escola, Sexualidade, Educação sexual.

Abstract

This study aimed to identify the main difficulties faced by primary school 5th grade teachers with greater/less and with/without experience in sex education throughout their pedagogical practice in this subject. To evaluate their actions on this subject we applied a questionnaire to 82 teachers of municipal schools in Foz do Iguaçu city. The results showed that the difficulties reported by teachers in this thematic are similar among the groups that have reported as the higher challenge the absence and the excessive permissiveness of the families, and difficulties to broach themes like homosexuality, masturbation and sexual violence in their classes.

Keywords: Youth, Schools, Sexuality, Sex education

¹ Enfermeira. Mestranda em Ensino na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus Foz do Iguaçu.

² Enfermeira na Associação Hospitalar Mondaí em Mondaí.

³ Fisioterapeuta no Hospital Municipal Padre Germano Lauck de Foz do Iguaçu.

⁴ Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo - USP. Docente do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus Foz do Iguaçu

Introdução

A educação sexual é o processo educativo relacionado à formação de atitudes referentes ao modo de viver a sexualidade (MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011). Essa, por sua vez, é universal e, ao mesmo tempo, particular e envolve aspectos sociais, psíquicos e culturais, fazendo parte da vida de todos. Ao longo dos anos, esse assunto foi algo proibido e negado aos jovens. Com isso, a promoção à saúde sexual não foi abordada corretamente, resultando em concepções errôneas e inadequadas por parte dos jovens (MOIZÉS; BUENO, 2010).

A educação sexual se desenvolve primeiramente no núcleo familiar, que, mesmo quando não dialoga abertamente sobre esse assunto, é a responsável por ensinar o que considera ser adequado (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997; JARDIM; BRÊTAS, 2006). No entanto, a escola é um local onde o indivíduo passa grande parte de sua vida, tornando-se um ambiente propício para a intervenção sobre a sexualidade, desde o início da adolescência, e para a implementação de estratégias que promovam a saúde sexual dos jovens (ALTMANN, 2003; JARDIM; BRÊTAS, 2006). Nesse contexto, o professor tem papel fundamental na promoção da orientação sexual na escola, e, por isso, há a necessidade de capacitação desse profissional, tanto no que diz respeito ao conhecimento sobre a temática, quanto aos métodos de ensino (SOUZA et al, 2008).

No estudo de Silva e Carvalho (2005) os professores relataram que precisam superar o constrangimento de falar sobre sexualidade, e que há a necessidade de se elaborar estratégias para lidar com o constrangimento e resistência dos alunos frente a esse conteúdo.

A educação sexual está incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da educação fundamental, elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), que propõem que a educação sexual busque informar e problematizar as questões referentes à sexualidade a partir do cotidiano, crenças e valores do aluno (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997; JARDIM; BRÊTAS, 2006; SILVA; MEGID NETO, 2006).

Em breve revisão bibliográfica nacional entre os anos de 2003 e 2013, foram encontrados 11 trabalhos que abordavam as dificuldades dos professores, relatadas por eles mesmos, frente às ações de educação sexual. Nesses trabalhos, os sujeitos das pesquisas eram professores do ensino fundamental II e médio (CORRÊA, 2003;

SILVA; CARVALHO, 2005; SANTANA, 2006; JARDIM; BRÊTAS, 2006; ALVES et al, 2007; SOUZA et al, 2008; BARRETO, 2009; REIS, 2009; SCHNORR, BRIZOLA; GIL, 2010; SOUZA, 2011; RUFFINO et al, 2013).

Diante disso, o objetivo deste estudo foi realizar um levantamento a respeito das principais dificuldades enfrentadas pelos professores do 5º ano de escolas públicas da cidade de Foz do Iguaçu, para implementação de ações de educação sexual. Essa série foi escolhida, por ser a que apresenta, pela primeira vez no conteúdo escolar das crianças, a temática sexualidade e reprodução humana, conforme os PCNs. Os dados foram divididos conforme o tempo de magistério no 5º ano e a formação em educação sexual, para analisar ainda se a experiência em sala de aula e a formação no assunto influenciam nas dificuldades relatadas pelos professores.

Metodologia

Participaram desse estudo oitenta e dois professores de 5º ano do ensino fundamental, de quarenta e oito escolas municipais de Foz do Iguaçu – PR, 94% do número total de escolas do município e aproximadamente 59,85% do número total de professores municipais dessa série.

O consentimento para a pesquisa foi obtido por via de ofício, junto à Secretaria Municipal de Educação, e o agendamento das entrevistas foi realizado através de contato telefônico com os diretores e coordenadores das escolas municipais.

Presencialmente, foram apresentados aos diretores das escolas, os objetivos do estudo e, aos que aceitaram participar da pesquisa, solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os professores responderam individualmente ao instrumento de coleta de dados, um questionário semiestruturado elaborado pelos pesquisadores, contendo, além dos dados de caracterização do participante, questões sobre as dificuldades do professor na realização da educação sexual, os desafios do trabalho com essa temática no ambiente escolar e os temas que deveriam ser abordados.

Resultados

Os dados foram analisados segundo o tempo de atuação dos professores no 5º ano do ensino fundamental: inferior ou superior a cinco anos, e a formação ou não em educação sexual (apenas foi perguntado se os professores possuíam alguma formação em educação sexual, sem especificação). Os resultados foram quantificados e estão apresentados em termos de frequência e porcentagem. Os dados de caracterização da amostra estão apresentados na tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos professores participantes distribuídos por tempo de magistério para o 5º ano, formação em educação sexual, idade e sexo

Características	Menos de 5 anos (n=46)				Mais de 5 anos (n=36)			
	Sem formação (n=32)		Com formação (n=14)		Sem formação (n=18)		Com formação (n=18)	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Idade								
Até 30 anos	10	31,25%	3	21,43%	1	5,55%	1	5,55%
31-35 anos	6	18,75%	2	14,28%	2	11,11%	2	11,11%
36-40 anos	8	25%	1	7,14%	0	0%	3	16,66%
41-45 anos	4	12,5%	4	28,57%	5	27,78%	3	16,66%
46-50 anos	4	12,5%	3	21,43%	6	33,33%	4	22,22%
> 50 anos	0	0%	1	7,14%	4	22,22%	5	27,77%
Sexo								
Feminino	30	93,75%	12	85,71%	12	66,66%	15	83,33%
Masculino	2	6,25%	2	14,28%	6	33,33%	3	16,66%

A tabela 1 mostra que 46 participantes (56,10%) tinham menos de cinco anos de magistério no 5º ano do ensino fundamental, 50 participantes (60,97%) relataram não possuir formação em educação sexual, 16 participantes (40,65%) tinham entre 41-50 anos, e 69 participantes (84,15%) eram do sexo feminino.

A tabela 2 apresenta a média das respostas referentes à questão 5, na qual os professores responderam se julgam necessária a educação sexual na escola. As respostas foram graduadas de 1 ("Não") a 5 ("Muito necessária").

Tabela 2. Média das respostas dos professores pesquisados quanto à necessidade

	da educação sexual na escola.			
	Menos de 5 anos (n=46)		Mais de 5 anos (n=36)	
	Sem formação (n=32)	Com formação (n=14)	Sem formação (n=18)	Com formação (n=18)
Média	4,15	4,21	4,05	4,55

A partir da média das respostas de ambos os subgrupos, observou-se uma homogeneidade nas respostas dos professores que consideram que essa temática é necessária na escola.

A tabela 3 apresenta os dados referentes à qual série os professores acreditam que a educação sexual deve ser iniciada.

Tabela 3. Frequência e porcentagem das respostas dos professores pesquisados quanto ao ano de início da educação sexual na escola.

Ano	Menos de 5 anos (n=46)				Mais de 5 anos (n=36)			
	Sem formação (n=32)		Com formação (n=14)		Sem formação (n=18)		Com formação (n=18)	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
1º ano	1	3,12%	0	0%	4	22,22%	1	5,55%
2º ano	1	3,12%	1	7,14%	0	0%	0	0%
3º ano	2	6,25%	3	21,43%	0	0%	2	11,11%
4º ano	11	34,37%	2	14,28%	4	22,22%	4	22,22%
5º ano	8	25%	3	21,43%	5	27,78%	3	16,67%
6º ano	0	0%	0	0%	3	16,67%	0	0%
7º ano	1	3,12%	0	0%	0	0%	0	0%
Não responderam/não responderam com clareza	8	25%	5	35,71%	2	11,11%	8	44,44%

No grupo dos professores com menos de cinco anos de magistério no 5º ano, dos professores sem formação em educação sexual, 34,37% deles citaram como ideal a iniciação no 4º ano; já no subgrupo dos professores com formação nessa temática, as maiores incidências de respostas estão no 3º e no 5º ano, com 21,43% cada. Entre o grupo dos professores com mais de cinco anos de atuação no 5º ano, 27,78% dos professores sem formação em educação sexual consideram o 5º ano como a série ideal para o início dessa temática, e 22,22% dos professores com formação responderam que esse assunto deveria ser iniciado no 4º ano.

A tabela 4 apresenta os dados referentes à informação em educação sexual que o professor acredita ter para ensinar e orientar os seus alunos. As respostas foram graduadas de 1 (“Pouca”) a 5 (“Completa”).

Tabela 4. Média das respostas dos professores pesquisados quanto à autoavaliação do conhecimento que apresentam sobre sexualidade.

	Menos de 5 anos (n=46)		Mais de 5 anos (n=36)	
	Sem formação (n=32)	Com formação (n=14)	Sem formação (n=18)	Com formação (n=18)
Média	2,53	3,43	3,05	3,33

A partir da média dos subgrupos, observou-se que os professores com menos de cinco anos de magistério para o 5º ano, sem formação em educação sexual, consideram suas informações sobre sexualidade em grau “razoável”, enquanto nos demais subgrupos, a média de respostas dos professores revelou que eles consideram possuir informações em grau “suficiente”.

Na tabela 5, são apresentados os dados referentes à questão 8, que investigou quais assuntos deveriam ser alvos da educação sexual.

Tabela 5. Frequência e porcentagem das respostas dos participantes quanto aos assuntos que deveriam ser alvo da educação sexual

Assuntos	Menos de 5 anos (n=46)				Mais de 5 anos (n=36)			
	Sem formação (n=32)		Com formação (n=14)		Sem formação (n=18)		Com formação (n=18)	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Ensinar sobre as mudanças típicas da puberdade	32	100%	13	92,86%	16	88,89%	18	100%
Descrever a anatomia dos órgãos genitais masculino e feminino	15	46,87%	8	57,14%	6	33,33%	15	83,33%
Descrever como ocorre a reprodução humana, gestação e tipos de parto	17	53,12%	9	64,29%	9	50%	13	72,22%
Informar sobre métodos anticoncepcionais	21	65,62%	11	78,57%	11	61,11%	15	83,33%

e prevenção às DSTs/AIDS								
Discutir valores morais, religiosos, éticos que envolvem o comportamento sexual	17	53,12%	6	42,86%	6	33,33%	13	72,22%
Abordar apenas assuntos de interesse dos alunos, trazidos por eles	5	15,62%	2	14,28%	4	22,22%	3	16,67%
Informar sobre riscos de abuso e pedofilia e como se proteger	24	75%	13	92,86%	14	77,78%	17	94,44%
Falar sobre homossexualidade e opções sexuais	12	37,50%	7	50%	5	21,78%	7	38,89%
Outro	2	6,25%	0	0	2	11,11%	1	5,55%

A análise da frequência das respostas apontou uma homogeneidade entre os subgrupos, sendo o assunto “ensinar sobre mudanças típicas da puberdade”, “informar sobre os riscos de abuso e pedofilia e como se proteger” e “informar sobre métodos anticoncepcionais e prevenção de DSTs/AIDS” os apontados como mais necessários na educação sexual. No grupo dos professores com mais de cinco anos com formação em educação sexual, o item “descrever a anatomia dos órgãos genitais masculino e feminino” também apareceu como o 3º mais apontado, com uma frequência de 15 professores (83,33%).

A tabela 6 apresenta os dados referentes aos desafios do trabalho com educação sexual.

Tabela 6. Frequência e porcentagem das respostas dos participantes quanto aos desafios do trabalho com educação sexual

Desafios	Menos de 5 anos (n=46)				Mais de 5 anos (n=36)			
	Sem formação (n=32)		Com formação (n=14)		Sem formação (n=18)		Com formação (n=18)	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Professores não têm preparo suficiente	19	59,37%	2	14,28%	5	14%	10	55,55%
Famílias ausentes ou muito permissivas	23	71,87%	12	85,71%	14	77,78%	15	83,33%

quanto à sexualidade								
Influência proibitiva da religião	5	16,63%	2	14,28%	7	38,89%	6	33,33%
Sentimento de autossuficiência dos jovens, que acham que sabem tudo	16	50%	5	35,71%	9	50%	12	66,66%
Dificuldade de conciliar esse tema com as outras matérias	3	9,37%	3	21,43%	4	22,22%	3	16,67%
Insegurança dos professores diante das reações e perguntas dos alunos	21	65,62%	5	35,71%	8	44,44%	9	50%
Falta de tempo exclusivo para desenvolvimento de orientação nessa área	13	40,62%	6	42,86%	5	27,78%	6	33,33%
Outro	3	9,37%	4	28,57%	1	5,55%	1	5,55%

Ao analisar os subgrupos, foi possível observar que o item “famílias ausentes ou muito permissivas quanto à sexualidade” foi apontado como o maior desafio enfrentado por todos os subgrupos no trabalho com a educação sexual.

No grupo dos professores com menos de cinco anos de magistério para o 5º ano, os professores sem formação em educação sexual também assinalaram com alta frequência os itens “insegurança dos professores diante das reações e perguntas dos alunos” e “professores não têm preparo suficiente”, com porcentagem de 65,62% e 59,37% cada, respectivamente. Já entre os professores com formação desse grupo, o segundo item mais assinalado foi “falta de tempo exclusivo para desenvolvimento de orientação nessa área” apresentando uma porcentagem de 42,86%, e em terceiro lugar as opções “Sentimento de autossuficiência dos jovens, que acham que sabem tudo” e “Insegurança dos professores diante das reações e perguntas dos alunos”, ambos com 35,71%.

No grupo dos professores com mais de cinco anos de magistério para o 5º ano, o item “Sentimento de autossuficiência dos jovens que acham que sabem tudo” foi o segundo mais apontado pelos professores, sem e com formação em educação sexual, com uma porcentagem de 50% e 66,66%, respectivamente. Em terceiro lugar, entre os professores sem formação desse grupo está a opção “Insegurança dos professores

diante das reações e perguntas dos alunos” (44,44%); já entre os professores com formação, está a alternativa “Professores não têm preparo suficiente”.

Na tabela 7, são apresentados os dados referentes aos assuntos relacionados à educação sexual, que os professores sentem maior dificuldade em abordar com os alunos.

Tabela 7. Frequência e porcentagem das respostas dos participantes quanto aos assuntos que sentem mais dificuldade em abordar.

Alternativas	Menos de 5 anos (n=46)				Mais de 5 anos (n=36)			
	Sem formação (n=32)		Com formação (n=14)		Sem formação (n=18)		Com formação (n=18)	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Transformações que ocorrem no corpo na puberdade	3	9,37%	1	7,14%	2	11,11%	0	0%
Anatomia dos aparelhos reprodutores masculino e feminino	8	25%	0	0%	4	22,22%	1	5,55%
Concepção e Gravidez	6	18,75%	1	7,14%	3	16,67%	2	11,11%
Métodos anticoncepcionais	5	15,62%	2	14,28%	2	11,11%	3	16,67%
AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis	8	25%	3	21,42%	2	11,11%	4	22,22%
Uso de camisinha	9	28,12%	4	28,57%	1	5,55%	1	5,55%
Aborto	9	28,12%	1	7,14%	4	22,22%	4	22,22%
Masturbação	19	59,37%	7	50%	7	38,89%	8	44,44%
Homossexualidade	15	46,87%	11	78,57%	12	66,67%	11	61,11%
Violência Sexual	10	31,25%	6	42,85%	6	33,33%	4	22,22%
Outro	1	3,12%	0	0%	0	0%	0	0%

A análise das respostas dos participantes revelou que, nos quatro subgrupos, os professores assinalaram como mais difíceis de serem abordados os itens “masturbação”, “homossexualidade” e “violência sexual”. No subgrupo dos professores com mais de cinco anos de magistério no 5º ano, com formação em educação sexual, os itens “AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis” e “aborto” também foram os terceiros mais apontado pelos professores.

Discussão

A educação sexual tem como objetivo promover informação relacionada à sexualidade, para desenvolver a capacidade de reflexão e de questionamento dos indivíduos sobre esse assunto (ALVES; RUFCA, 2009). Como já dito, a escola é considerada um ambiente privilegiado de intervenção sobre a sexualidade e de implementação de estratégias que promovam a saúde dos jovens, e investigações sobre o professor que aborda essa temática são necessárias (ALTMANN, 2003).

Nesse sentido, o presente estudo mostrou que, dentre o total de participantes, 50 professores (60,97%) relataram não possuir formação em educação sexual. No grupo dos professores com menos de cinco anos de magistério no 5º ano, 69,56% dos participantes não apresentam formação em educação sexual, e no grupo dos professores com mais de cinco anos de atuação no 5º ano, essa porcentagem foi de 50% da amostra. Esse dado corrobora a afirmação de Marola, Sanches e Cardoso (2011), segundo os quais, os professores não recebem apoio ou orientação para o ensino dessa temática, abordando com os alunos somente aspectos relacionados às questões biológicas da sexualidade. Silva e Santos (2011) destacam que a formação adequada dos professores é necessária, já que a temática “nunca foi tranquila de ser compreendida ou abordada, mesmo por aqueles que se interessam pelo assunto”.

Observou-se que, em sua maioria, os professores consideram necessária a educação sexual na escola, no entanto, o subgrupo que mais se aproximou da resposta 5 (“Muito necessária”) foi o dos professores com mais de cinco anos de magistério no 5º ano e com formação em educação sexual, e o subgrupo que mais se aproximou da resposta 3 (mais ou menos) foi o dos professores com mais de cinco anos de magistério no 5º ano e sem formação em educação sexual.

Porém, quanto ao momento escolar em que as crianças deveriam ser introduzidas nessa temática, houve uma maior dispersão nas respostas. Dentre a totalidade da amostra, 21 professores (25,61%) citaram o 4º ano como sendo a série na qual a educação sexual deveria ser iniciada. No grupo dos professores que lecionam há menos de cinco anos, 28,26% também citaram o 4º ano, e no grupo de professores que lecionam a mais de cinco anos no 5º ano, houve empate entre o 4º e 5º ano (22,22%).

Entre os professores que apresentam formação em educação sexual, 13 (40,62%) apresentaram dúvidas e não souberam se posicionar. Analisando os

subgrupos com formação, o mesmo ocorre tanto para os menos experientes (35,71%), como para os mais experientes (44,44%). Esse dado pode refletir a insegurança do professor quanto ao momento certo do desenvolvimento para introduzir o assunto sexualidade, mesmo entre aqueles que apresentam alguma formação em educação sexual.

Quanto ao grau de informação que possuem em sexualidade para abordar esse assunto com os alunos, os professores mais experientes avaliaram como “suficiente” as informações que possuem sobre sexualidade para ministrar o conteúdo aos seus alunos. Já entre os professores menos experientes, somente os com formação consideram seu conhecimento “suficiente”. A média das respostas dos professores sem formação mostrou que eles consideram seu conhecimento “razoável”.

Os professores de ambos os subgrupos apontaram como assuntos mais importantes de serem abordados na educação sexual, questões relacionados às mudanças na puberdade, ao abuso sexual e pedofilia, aos métodos de contracepção e às DSTs. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Alvez e Chaves (2007), no qual os professores consideraram importante abordar métodos contraceptivos, DSTs, conhecimento do corpo, concepção e gravidez, aborto, amor/afeto, preconceitos/tabus, namoro. Mais recentemente, no estudo de Souza (2011), os professores pesquisados apontaram: mudanças físicas e corporais na adolescência, DSTs e AIDS e métodos contraceptivos. A alternativa “abordar apenas assuntos de interesse dos alunos, trazidos por eles” foi o menos apontado. Estudos apontam que a educação sexual deve envolver questões que surjam do interesse e do cotidiano dos jovens, a partir do conhecimento que eles possuem sobre o assunto e baseadas nas suas necessidades, respeitando suas crenças e valores (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997; SILVA; CARVALHO, 2005; JARDIM; BRÊTAS, 2006; SILVA; MEGID NETO, 2006; ALENCAR et al, 2008).

O maior desafio apontado pelos professores de todos os subgrupos foi a ausência de um posicionamento da família, ou excesso de permissividade quanto à sexualidade. No estudo de Alves e Chaves (2007), 55% dos professores relataram como uma dificuldade a incompreensão dos pais. Esses autores apontam que as famílias ainda possuem resquícios de uma sociedade conservadora, na qual se acreditava que as crianças não estavam preparadas para receber informações sobre

sexualidade, e que a escola, ao fazê-lo, estava ensinando atitudes inadequadas para o período.

Para os professores com menos de cinco anos de magistério no 5º ano sem formação em educação sexual, outros desafios apontados foram a insegurança diante das reações e perguntas dos alunos e a falta de preparo. Resultados semelhantes foram encontrados no trabalho de Souza et al (2008), que realizou estudo com professores do ensino fundamental e médio, no qual 93% deles responderam que se sentiam incapacitados e inseguros para desenvolver essa temática com os alunos. Corroborando esses resultados, no estudo de Jardim e Brêtas (2006), apenas 33% dos professores se sentiam seguros para abordar o assunto, e no trabalho de Santana (2006), os professores relataram como dificuldades na abordagem da educação sexual na escola, a falta de conhecimento sobre o assunto (43,4%) e o despreparo para abordá-lo (16,5%).

Moizés e Bueno (2010) apontam que o trabalho com educação sexual pode ser emocionalmente desgastante, pois, além da influência de uma cultura carregada de equívocos e tabus quanto à sexualidade, nem sempre os professores se sentem disponíveis, tranquilos e maduros quanto à própria sexualidade, nem quanto a sua formação para proporcionar um diálogo sobre sexo aberto e educativo. No presente estudo, os professores mais experientes e com formação em educação sexual, apontaram ainda como desafio, o sentimento de autossuficiência dos jovens que acham que sabem tudo.

Quanto aos assuntos que apresentam mais dificuldades em abordar, os subgrupos foram homogêneos em apontar: o aborto, a masturbação e a violência sexual. Pode-se observar que, embora os professores considerem importante informar os sobre os riscos e proteção contra o abuso e pedofilia, eles apresentam dificuldades em abordar a violência sexual com os alunos.

Conclusão

Independente do tempo de atuação no 5º ano e de apresentar ou não formação em educação sexual, os professores pesquisados, em geral, relataram desafios e dificuldades semelhantes. Somente o subgrupo dos professores com menor tempo de experiência e sem formação em educação sexual ressaltou como um dos principais desafios na abordagem do assunto sexualidade, a falta de preparo do professor e a

insegurança deles frente os questionamentos dos alunos. Por abranger quase 60% dos professores do 5º ano das escolas municipais, esses resultados refletem a realidade do município, no entanto, generalizações devem ser cautelosas.

Embora a maioria das pesquisas envolva professores do ensino fundamental e médio, não foi encontrado nenhum trabalho que relate as ações e dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual no 5º ano do ensino fundamental, e nem se o tempo de experiência e a formação em educação sexual são fatores favoráveis para a implementação desse assunto. Desse modo, esse trabalho contribui para o levantamento de dados entre esse grupo de professores pouco estudado e para justificar ações de educação sexual voltadas para a capacitação dos professores.

Referências bibliográficas

ALENCAR, R.A.; SILVA, L.; SILVA, F.A.; DINIZ, R.E.S. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. *Revista Ciência e Educação*, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.

ALTMANN, H. Orientação Sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. *Cadernos Pagu*, v. 21, p. 281-315, 2003.

ALVES, J.C.S.; CHAVES, A.C.L. As necessidades e dificuldades da orientação sexual de ciências de Porteirinha - MG. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – ENPEC, 6, 2007, Florianópolis – SC. *Anais...* Florianópolis: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências - Abrapec, 2007. Disponível em <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/>>. Acesso em março de 2015.

ALVES, F.G.; RUFCA, K.N. *Sexualidade na escola: definições e propostas para uma intervenção o ensino fundamental*. 2009. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009.

BARRETO, M.I. Educação sexual - fácil ou difícil n ótica de professores de Ciências do município de Aracaju? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 1, 2009, Salvador – BA. *Anais...* Salvador: Universidade do Estado da Bahia - UNEB, 2009. Disponível em <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2012/04/EDUCACAO-SEXUAL-FACIL-OU-DIFICIL-NA-OTICA-DE-PROFESSORES-D.pdf>>. Acesso em março de 2015.

CORRÊA, C.I.M. *Análise da participação de uma escola pública na educação sexual dos seus alunos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2003.

JARDIM D.P.; BRÊTAS J.R.S.; Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59, n. 2, p. 157-162, 2006.

MAROLA, C.A.G.; SANCHES, C.S.M.; CARDOSO, L.M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicologia da Educação*, n. 33, p. 95-118, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 10.

MOIZÉS, J.S.; BUENO, S.M.V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista Escola de Enfermagem USP*, v.44, n. 1, p. 205-212, 2010.

REIS, E.F.A. *Escola e sexualidades: diferentes concepções/muitos desafios*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

RUFINO, C.B.; PIRES, L.M.; OLIVEIRA, P.C.; SOUZA, S.M.B.; SOUZA, M.M. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 983-991, 2013.

SANTANA, C.C.P. *Orientação sexual no ensino médio: uma questão de cidadania*. 2006. Monografia (Especialização no Ensino de Ciências). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, M.P.; CARVALHO, W.L.P. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo da sexualidade na vivência das professoras. *Revista Ciência e Educação*, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.

SILVA R. C. P.; MEGID NETO J.; Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Revista Ciência e Educação*, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SILVA, L.M.M.; SANTOS, S.P. Sexualidade e formação docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – ENPEC, 8, 2011, Campinas - SP. *Anais...* Campinas: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências - Abrapec, 2011.

Disponível em <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0835-1.pdf>>. Acesso em Março de 2015.

SCHNORR, S.M.; BRIZOLA, R.M.R.; GIL, R.L. Sexualidade: a visão dos professores de biologia de uma escola de ensino médio. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – CIC, XII ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 19 – ENPOS E MOSTRA CIENTÍFICA, 2, 2010, Pelotas – RS. *Anais...* Pelotas: Universidade Federal de Pelotas - UFPel, 2010.

Disponível em <http://www2.ufpel.edu.br/cic/2010/cd/pdf/CH/CH_00862.pdf>. Acesso em Março de 2015.

SOUZA, M.M. et al. Orientação sexual: conhecimentos e necessidades de professores de um Colégio Público de Goiânia - GO. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 10, n. 2, p. 460-471, 2008.

SOUZA, R.A. Educação sexual na visão dos professores indígenas do ensino fundamental em uma escola em Dourados. *Revista Espaço Ameríndio*, v. 5, n. 3, p. 181-206, 2011.